

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

# Muito prazer, eu sou o Renatinho: uma biografia dançante na Cracolândia

*Nice to meet you, I am Renatinho: a dancing biography in cracolândia*

Monique Borba Cerqueira<sup>I</sup>, Renato Oliveira Junior<sup>II</sup>, Roberta Marcondes Costa<sup>III</sup>, Luca Meola<sup>IV</sup>, Talita Mattos<sup>V</sup>

### Resumo

Este trabalho é fruto de uma produção coletiva feita a partir de um encontro gravado em 21 de março de 2024, no Instituto de Saúde, entre Renato Oliveira Júnior, conhecido como Renatinho, e seus interlocutores Monique Borba Cerqueira, Roberta Marcondes Costa, Talita Mattos e Luca Meola. Renatinho nasceu no Guarujá, em 1991, tem 32 anos e está na Cracolândia há cinco anos. Dono de muito carisma, um gingado excepcional e de intensa participação em projetos e coletivos que atuam no território, é um dos protagonistas do chamado fluxo, na Cracolândia. Esse relato de experiência em forma de entrevista conta parte de sua trajetória de vida e mostra a importância do vínculo em projetos realizados com pessoas em situação de vulnerabilidade.

**Palavras-chave:** Vínculo, Redução de Danos, Cracolândia

### Abstract

This paper is the result of a collective production based on a meeting recorded on March 21, 2024, at the Health Institute, between Renato Oliveira Júnior, known as Renatinho, and his interlocutors Monique Borba Cerqueira, Roberta Marcondes Costa, Talita Mattos, and Luca Meola. Renatinho was born in 1991, in the city of Guarujá. He is 32 years old and has lived in Cracolândia for five years. A man with much charisma, exceptional dancing skills, and intense participation in projects and collectives that operate in the territory. He is one of the protagonists of the so-called *fluxo* ("flow"), which describes the large group of individuals active in Cracolândia. This experience report in the form of an interview tells us part of his life trajectory and shows the importance of bonding in projects with people in vulnerable situations.

**Keywords:** Bond, Harm reduction, Cracolândia Paulistana

**Monique:** Como você se apresentaria?

**Renatinho:** Eu geralmente me apresento como o pior de todos.

**Robertinha:** Logo você? Tão maravilhoso!

**Monique:** Como você se apresentaria pra quem não te conhece?

**Renatinho:** Difícil... É... eu sou o Renato, o cracudo, o pior de todos... Eu tive tudo, estudei, fiz dois anos de faculdade de Educação Física, mas a droga não me deixou completar. Os meus pais se separaram depois de 22 anos de casados, quando eu tinha 14 anos. Comecei a fumar cigarro com 13 anos e cocaína com 18. Minha mãe era fumante e meu pai alcoólatra. Eu saía bastante pra dançar e com 13 anos já ia pra banda de forró. Sexta, sábado e domingo eu saía pra dançar e tomava muito conhaque. Foi assim, nas baladas, que tudo começou...

**Monique:** Você se considera um cracudo?

**Renatinho:** Sim.

**Monique:** E qual a definição de cracudo pra você? A gente houve falar que o cracudo é aquele que tá no fundo do poço, mas você parece que mantém um equilíbrio...

**Renatinho:** Mas fumo craque do mesmo jeito. Sou um cracudo. Pra mim o cracudo não tem uma conotação positiva ou negativa. Fumou craque é cracudo.

<sup>I</sup> Monique Borba Cerqueira (moniquebureau@gmail.com) possui graduação em Ciências Sociais (UERJ), mestrado em Sociologia (UNICAMP), doutorado em Políticas Sociais e Movimentos Sociais pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social (PUC/SP), e pós-doutorado em Ciências Sociais (PUC/SP). É pesquisadora científica do Estado de São Paulo / Instituto de Saúde – Brasil.

<sup>II</sup> Renato Oliveira Junior (junior.enseada@hotmail.com) é dançarino e redutor de danos na Cracolândia Paulistana.

<sup>III</sup> Roberta Marcondes Costa (robertinhamcosta@gmail.com). É mãe, antropóloga, capoeirista, e atua com redução de danos, desde 2011, na Cracolândia Paulistana. Integrante do coletivo Craco Resiste.

<sup>IV</sup> Luca Meola (lucameola@hotmail.com) é sociólogo e fotógrafo documental.

<sup>V</sup> Talita Mattos (talita.mattos@unifesp.br) faz graduação em Sociologia na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É membro do Coletivo Craco Resiste.

**Monique:** Essa é uma discussão bem bacana de se fazer, porque o cracudo passa a ser aquele cara que simplesmente fuma craque. Isso desmistifica o cracudo, noia, pedreiro e vai por aí.

**Robertinha:** Acho que essas denominações – tipo cracudo e noia – não são vistas como xingamento ou depreciação quando usadas entre eles, dentro do próprio grupo. Mas se alguém desconhecido chamar o cara de cracudo, aí já tem outro valor: preconceito, discriminação.

**Monique:** Como você veio parar aqui na Cracolândia?

**Renatinho:** Em 2015, eu vim procurar tratamento no CRATOD<sup>vi</sup>. Eu cheirava cocaína. Fiz tratamento lá por um ano e meio. Naquela época era legal o atendimento. Montamos uma maloca em frente ao CRATOD. Passávamos o dia lá no CAPS. Depois eu fui internado. Concluí o tratamento. Fiquei internado um ano em uma comunidade terapêutica. Fiquei um ano sem cheirar cocaína.

**Robertinha:** Da forma como você conta parece que o processo no CRATOD foi bom porque você tinha uma rede de amigos que te fortaleciam, que davam sentido...

**Monique:** Esse vínculo que você teve com o CRATOD foi entre usuários ou com o serviço?

**Renatinho:** Tinha amigos usuários lá, mas os profissionais me atendiam bem. Tem uns que encontro até hoje: a Raquel, o Fabiano, a Leticia... Pra Cracolândia eu vim em 2018, eu vim a pé do Guarujá. Eu cheguei às oito da noite, não tinha pra onde ir e fui pra Craco, pra ver se eu via algum conhecido, pra pegar uma manta e dormir na calçada. Nisso tava acontecendo uma festa, um pagode de uns traficantes. Passaram cinco rodadas de cachaça e crack. Eu disse que só queria a cachaça, até que uma hora falei EU QUERO... tava bêbado, mas foi amor ao primeiro trago. Aí depois, eu fui em casa só duas vezes.

**Robertinha:** O que te fez vir andando do Guarujá pra cá?

**Renatinho:** Depressão pós-droga, de verdade.

**Talita:** Ô, cara! Do Guarujá até aqui tu andou, hein?

**Renatinho:** É, três dias, porque é subida.

**Talita:** E o que você esperava vindo pra São Paulo?

**Renatinho:** Sumir de lá. Lá já não me cabia mais. Não tinha mais pra onde ir, de verdade. Porque eu quebrei todos os vínculos com familiares e amigos. Do momento que eu comecei a usar droga até fumar crack, nesse tempo foram 24 internações. Eu aprontava, minha mãe abria a porta pra mim. Até que por causa de um celular, ela não abriu mais. Eu já tinha roubado na casa da família do meu pai, fora os outros tios, primos, então não tinha pra onde ir e vim pra Cracolândia.

**Monique:** Nessas 24 vezes que você foi internado você foi pra onde? Comunidades Terapêuticas?

**Renatinho:** Isso, de todas eu não vou me lembrar. Mas a mais longe foi na Bahia. A minha mãe quis e eu fui.

**Monique:** Você saiu de lá como?

**Renatinho:** Eu manipulei a saída. Taquei o prato de sopa no monitor.

**Monique:** Em algumas dessas 24 tentativas você foi obrigado a ir?

**Renatinho:** Eu ia pra agradar a minha mãe.

**Monique:** A mãe era o amor da sua vida?

**Renatinho:** Era. Mas ela falava “*aproveita enquanto eu tô falando, quando eu parar de falar com você, aí já era*”. E ela parou quando peguei um celular.

**Monique:** Há quanto tempo você está na Cracolândia?

**Renatinho:** Cinco anos.

**Monique:** Quais foram os melhores momentos no fluxo<sup>vii</sup> e os piores?

**Renatinho:** Eu vivo esse melhor momento até hoje, tem a ver com essa rede de relações com pessoas como vocês que encontrei lá. Agora, tipo, eu me ver sair do fluxo descalço, sem camiseta, na chuva, pra fazer mais um corre pra fumar... Esse foi o pior momento. O melhor momento é essa amizade que eu tenho desse pessoal com um cracudo como eu. Eu acabei de sair de uber com eles pra cá... ôrra, mano...

**Monique:** Quem são essas pessoas do seu coração?

<sup>vi</sup> Centro de Referência de Atendimento a Tabaco, Álcool e outras Drogas.

<sup>vii</sup> Agrupamento de indivíduos em alta vulnerabilidade social na Cracolândia Paulista.



Renato Oliveira recebe doação em semáforo.

Foto: Luca Meola.

**Renatinho:** Meu padrinho, primeiramente (Luca Meola). Luca é o meu padrinho de rua. Imagina eu com cabelo enorme, a barba chegando lá embaixo e, do nada, esse cara me leva no salão. Nos conhecemos com ele tirando fotos minhas dançando no TTT [Teto, Trampo e Tratamento]<sup>viii</sup>. Pegamos essa amizade. Eu esquecia que ele estava na Itália e ligava pra ele meia-noite, lá era quatro horas da manhã, né? Mas tem a Robertinha também. Ela é louca, de verdade. No dia que falaram que eu tava *pedido* na Cracolândia, eu não vi, mas ela, a Docinho, mais louca ainda, foram que nem doidas me procurar, me cuidar... minhas irmãs... Talita também é minha irmãzaça, que eu conheci há pouco tempo...

**Robertinha:** Acho que estamos falando sobre vínculos: o Renatinho vem a pé pra São Paulo quando

rompe os últimos vínculos no Guarujá. Ele vem pra Cracolândia, que é o “*quartinho de bagunça da cidade*”, pra onde vai quem não cabe mais em outros lugares. A Craco é um lugar de encontros que também gera potências, mesmo com toda dificuldade e sofrimento que produz. Esse Renatinho que chega porque rompeu vínculos em sua cidade, hoje tem toda uma potência reconhecida, vínculos e redes de afeto sólidas que é difícil pra uma pessoa de classe média ter em São Paulo. Eu tô há doze anos atuando na Craco e falo pra todo mundo que, das coisas mais importantes que eu aprendi na Cracolândia, é que os vínculos, as redes de afeto – as pessoas com quem a gente se importa e que se importam com a gente – é o que a gente precisa pra sobreviver, pra ver sentido na vida. O resto a gente dá um jeito.

**Monique:** Concordo em gênero, número e grau. Eu acho que essa questão dos vínculos deve ser

<sup>viii</sup> TTT é um projeto social que funciona na Cracolândia Paulistana.

explorada nos coletivos e já deve ser algo natural a esses grupos, dado que é algo central para a Redução de Danos (RD). Os coletivos só existem por causa da empatia que uns têm pelos outros. Mas claro que as propostas dos grupos na Cracolândia não são iguais. São super heterogêneas.

**Robertinha:** É, mas tem uma coisa muito diferente de quem se propõe a trabalhar com RD, tipo, você pode entrar num grupo de teatro, capoeira, dança e pode acabar ganhando vínculos e sentido de vida, mas ter um coletivo que se propõe a fazer RD, a construção de vínculos, tem que ser um processo central e racional do trabalho. Acho que a redução de danos só é possível dando centralidade à singularidade e ao vínculo, caso a caso, porque o que é cuidado para uma pessoa, pode ser vivenciada como violência por outra. Não existe uma resposta pronta para como fazer redução de danos porque não é um conjunto de práticas, mas um fazer com, é um processo, e não um fim. Por exemplo, tem o Futebol, o Cinema, o Slamis<sup>ix</sup>: vários projetos relatados neste BIS são exemplos disso. Os projetos são pretextos pra conversar, envolver e conhecer essas pessoas que estão no fluxo. Você pode ter um monte de verba e política pública, mas se não tiver o vínculo, o cuidado de verdade não acontece. O vínculo é o que faz a diferença, mas é o que as políticas públicas não conseguem mensurar.

**Luca Meola:** Eu tenho uma pergunta para o Renatinho. Se não houvesse todos esses projetos, o futebol, o TTT, a Craco Resiste, etc. Como seria pra você a Cracolândia hoje? Como era a Cracolândia antes de você se envolver nos projetos?

**Renatinho:** Vocês me fizeram lembrar quem eu era, o Renatinho. Tipo, vocês foram a família que eu não tinha, o trabalho que eu não tinha. Eu sou um preto, noia, fodido, viciado. Eu vou dançar no TTT, mas se eu quiser, antes, eu posso dar um trago e isso é respeitado. Tô na bateria da escola de samba com o caninho na boca, tocando feito um louco. Vou tomar cerveja com a Talita na Consolação, fumando craque, essa possibilidade eu não tinha antes.

**Luca Meola:** Será que os vínculos, a presença da gente pra você torna mais difícil deixar o território? Eu sempre me pergunto e acho isso muito delicado, porque, muitas vezes, ele me diz “*nossa, eu não aguento mais, eu quero quebrar tudo...*”

**Renatinho:** Não sei como pensar isso...

**Talita:** Vou tentar ajudar. Se amanhã acabarem os projetos e nenhum dos seus vínculos estiverem na Cracolândia, como você se sentiria?

**Renatinho:** Não ia ser legal.

**Talita:** Você ia ficar na Craco ou ia tentar outra coisa?

**Renatinho:** Talvez eu ficasse na Craco, mas eu provavelmente ia voltar à época que eu não entrava num bar, ficava mal, zanzava na calçada...

**Robertinha:** Eu acho que essa pergunta parte de um pressuposto incorreto de que as pessoas são melhores fora da Cracolândia, que o ideal é as pessoas estarem fora da Cracolândia. Estamos aqui quatro pessoas brancas que não usam crack, mas que usam grande parte da vida para ficar na Cracolândia; e isso organiza e dá sentido à nossa vida. A gente não vai na Craco porque a gente é bonzinho. Tem uma dimensão de troca, de troca de cuidado. Você, Renatinho, sempre me cuida. E tem uma troca na vivência da alteridade, de mundos diferentes.

**Monique:** Renatinho, eu estou entendendo que a Cracolândia é pra você esse cenário de vínculos que você conquistou. Os grupos e as pessoas estavam lá, mas você chegou e conquistou o seu lugar. Eu queria voltar à questão dos melhores e piores momentos, porque a Cracolândia também é objeto de “tiro, porrada e bomba”. Como é isso pra você? Ter toda uma afetividade, uma vinculação e de repente mandarem uma bala de borracha na tua cara?

**Renatinho:** Por exemplo, o TTT hoje em dia, tem que ter um crachá pra gente poder sair da Cracolândia, senão a gente fica preso lá dentro durante três horas. Hoje em dia, quando a Cracolândia é fechada, a guarda civil fica de um lado e de outro. Mesmo assim eu não me vejo quinta-feira sem o TTT. Vamos colocar assim, eu gosto de participar desses projetos e eu acabo juntando o útil ao agradável. Eu conheço as pessoas.

<sup>ix</sup> Slamis é uma competição artística que o projeto Teto, Trampo e Tratamento (TTT) faz às quintas-feiras no fluxo da Craco e o Renatinho participa como dançarino.



Retrato de Renatinho feito por Luca Meola. Foto de capa do Bis População em Situação de Rua vol 2.

Foto: Luca Meola.

Elas cuidam de mim. Pronto. É isso. Essa semana, uma pessoa que é muito minha amiga tomou um tiro, uma pancada, o pessoal veio, levou ela, foi cuidar dela, e isso é legal, é um cuidando do outro... Pra mim, o cuidado que eles têm com a gente é o meu melhor momento na Cracolândia. Geralmente, eu não tô dentro da Cracolândia em horário de operação policial. Eu tô sempre fazendo alguma coisa, tô com alguém do lado de fora. E quando eu pego a operação, que eu olho, tá a Robertinha ou a Docinho... Eles com a cara de desesperados pra ver se conseguem resgatar a gente! É uma coisa do cuidado, do estar ali com a gente, mas é uma coisa que se eu tô ali tenho que passar.

**Monique:** Se eu tô entendendo bem, no pior momento você também enxerga o melhor momento.

**Renatinho:** Hoje em dia eu não vejo muito os piores momentos, vejo poucos.

**Monique:** Porque essa questão do vínculo é fundamental, né?

**Renatinho:** Isso.

**Luca Meola:** Eu acho que ali na Cracolândia todo mundo é fodido, você se junta e constrói uma forma de sobrevivência. Porque o crack é uma questão de sobrevivência, as relações que as pessoas constroem são uma forma de sobrevivência: é troca de dinheiro, troca de sexo, troca de tudo. Mas, realmente, é muito, muito foda. Porque eu vivo na região da Cracolândia, vejo momentos legais, normais, as pessoas fazem de tudo lá, legal. Mas eu vejo também muita dor. Muita dor, quando as pessoas entram no facebook delas e nos mostram “*olha o que eu era, olha meus filhos*”. Essas coisas pesam. Pesam muito. Então a Craco é uma forma de sobreviver, e deve-se assegurar formas de passar por lá da melhor maneira possível, mas, por outro lado, eu vejo muito sofrimento.

**Robertinha:** Acho que o mundo é uma bosta tão grande, a vida das pessoas é tão absurda que a Craco, mesmo com todo esse sofrimento, vira uma possibilidade de vida e de potência nos encontros entre pessoas.

**Monique:** Isso remete ao direito que as pessoas têm de estar na rua, porque todos os direitos foram tomados. Nessa situação horrível que tantas pessoas vivem, estar na rua torna-se uma possibilidade de vida. E a vida é difícil pra todos os seres. Caiu aqui nesse planeta, você tem uma forma corpórea que te machuca, tudo dói, você se entristece, sofre. Imagina sem as mínimas condições de sobrevivência? É aí que você busca mais e mais potências de vida, entre elas, a do vínculo forte com o outro. Isso é algo que sustenta uma vida.

Renatinho, como é esse lance de ficar na rua? De repente pegar um cobertor e ficar na cidade crua, nua, nessa cidade de pedra? Ficar no chão, dormindo ali, com a cara na pedra, no chão da rua? Você se preocupa com o modo como as pessoas estão te olhando?

**Renatinho:** Hoje não me preocupo mais, mas já me preocupei. Hoje em dia não mais, de verdade.

**Monique:** Como é o uso da rua hoje?

**Renatinho:** Eu chamo a Consolação de minha casa. Eu moro na Consolação. Tem um trecho na calçada ali que é minha casa, eu dormia ali antes. Passei quatro

anos no mesmo lugar. E quando eu passava uns três, quatro dias fora, o pessoal ali das lojas reclamava. Sentiam minha falta. Agora eu tô num hotel.

**Luca Meola:** Você acha que poderia ficar na rua sem consumir alguma substância?

**Renatinho:** Não. Não tem como. Tipo, ir deitar de cara na calçada sem tá louco de cachaça ou de crack, não dá. Na hora que eu consigo dinheiro, fumo logo umas dez pedras, caio dormindo e acabou. Não dá tempo de pensar. Acordou, amanhã, a mesma coisa. Vou consumir até capotar. Porque eu fico três, quatro, cinco dias virado<sup>x</sup> antes de ir dormir.

**Luca Meola:** Uma das sensações que eu tenho é que o consumo de drogas, álcool e crack regulamenta muito a vida das pessoas. O Renatinho acorda quando ele vira dois dias e já sabe que tem que fazer os “corres” pra arranjar dinheiro pra comprar cachaça e aí a vida dele é regulamentada pelo consumo do crack e do álcool. Ele toma cachaça e fuma crack, toma cachaça e fuma crack...

**Renatinho:** Eu não sou alcoólatra. Só bebo quando eu fumo. Mas fumo todo dia (risos).

**Monique:** Tenho uma curiosidade. O que você come?

**Renatinho:** Hoje comi bisteca com batata frita. A Talita me levou pra almoçar. Mas depois do uso, do consumo, não desce nada. Quando eu tô com fome vou na fila da comida. Tem muito lugar pra comer.

**Monique:** Você pede comida na rua?

**Renatinho:** Não. Só peço dinheiro. Aquele negócio da plaquinha, “a fome dói”, eu não concordo com aquilo. Eu nem consigo pedir nada pra uma pessoa que tá andando na calçada. Dentro do carro, eu até consigo, trabalhar no semáforo, eu consigo. Também trabalho catando latinha e trabalhei muito tempo no centro de reciclagem. Meu trampo é esse. No TTT eu danço toda quinta-feira e recebo por isso. Eles também pagam a minha moradia, no hotel Transilvânia (risos). O hotel abriga vários usuários, duas pessoas por quarto. Mas as pessoas de lá não são boas, os

colegas de quarto. Quer conhecer, more junto. Nós éramos todos amigos ali no TTT antes de ir morar junto. Quando começou a convivência, é difícil. Ontem mesmo teve briga. Nós estávamos pintando o prédio e eu tomei um porre e aí briguei... É bem difícil, mas é o que eu faço pra poder usar droga. Sobrevivo assim. É melhor do que roubar.

**Monique:** Você já passou por algum projeto religioso?

**Renatinho:** Sim, mas não ficou nada. Só a comida rola, marmita tem em qualquer projeto. Laços eu só criei com esses doidos aqui mesmo (risos).

**Monique :** Você já teve contato com o Consultório na Rua?

**Renatinho:** Só quando eu peguei a pneumonia.

**Monique:** Você gostou deles?

**Renatinho:** Alguns são legais, sim. Não fiz vínculos com eles.

**Monique:** E pelo Centro Pop, você já passou?

**Renatinho:** Só usei algumas vezes no Guarujá, que era pra pegar passagem de ônibus pra São Paulo, e foi só. Porque eu tô sem documento e pra auxílio precisa de documento. Mas o pessoal do TTT tá resolvendo o lance do meu documento.

**Robertinha:** A gente conseguiu inscrever ele na Escola de Música do Estado de São Paulo – EMESP Tom Jobim – sem documentos (risos).

**Luca Meola:** Eu vejo todas essas pessoas da prefeitura com jaleco verde da assistência social que ficam na Craco, elas já te ajudaram de alguma maneira?

**Renatinho:** Eles ajudam. Por exemplo, o pessoal do fluxo pode ir lá pra ligar pra sua família, mas é uma coisa pontual.

**Monique:** Quais são os projetos que você frequenta na Cracolândia em que criou vínculo?

**Renatinho:** Teto, Trampo e Tratamento (TTT), coordenado pelo Falcone, que é psiquiatra e palhaço. Eu não gosto do Falcone, eu gosto do palhaço, que são a mesma pessoa. Ele andava de jaleco na Cracolândia, mas parece que não deu certo, não tinha muita graça. Aí ele se vestiu de palhaço, subiu numa bicicleta e assim foi. Esse é o cara que comanda o TTT. Outros grupos que frequento são o Birico, o Futebol das Meninas, o cinema Cine Fluxo, o que mais... Com a Nice,

<sup>x</sup> Ficar *virado* é virar a(s) noite(s) sem dormir. Essa dinâmica entre consumidores de crack em situação de rua é comum. Significa ficar por dias usando crack de forma constante até dormir de exaustão.

eu não faço nada, só brigo (risos). Tem o blocolândia<sup>xi</sup>, a bateria... Eu passo por todos esses projetos<sup>xii</sup>, mas tenho vínculos fortes é com vocês.

**Luca Meola:** O Renatinho é o cara que mais participa dos projetos com todo mundo na Cracolândia. Uma pessoa que pode falar do fluxo é o Renatinho, por isso ele está aqui com a gente.

**Monique:** Quais são as suas maiores dificuldades hoje?

**Renatinho:** São tantas... Mas é ter que usar crack. Isso me quebra bastante. Sabe, ter que usar, me quebra. Tem dia que eu quero usar, aí meto o pé na jaca. Mas tem dia que não quero usar, aí o corpo pede. Você começa a ficar inquieto, a mão começa a suar, aí tenho que usar.

**Luca Meola:** Você tem um consumo dos dois, do álcool e do crack. Para você seria mais fácil parar o que, o álcool ou o crack?

**Renatinho:** O álcool.

**Luca Meola:** Mas você acha que conseguiria só fumar craque?

**Renatinho:** Não. Já tentei, mas é horrível. Eu fico muito mal.

**Robertinha:** Dizem que a abstinência do álcool pode matar e que a abstinência de crack não mata.

**Renatinho:** Mas a abstinência de crack é horrível também.

**Monique:** O que você acha que as autoridades públicas precisam saber sobre o fluxo que elas não sabem?

**Renatinho:** A primeira coisa é, independente do crack e da droga, nós somos gente. Não adianta querer tratar a gente como bicho. Mas acho que hoje em dia isso não piora mais. Na minha opinião, isso aí, pior do que está, não fica, não. Eu tô falando não da Cracolândia, mas da visão da sociedade, das pessoas, das autoridades, esse poder público aí. Só pioraria se o Bolsonaro voltasse. É bem complicado ter que correr

de guarda civil municipal. Acho que é preciso lembrar a todos eles que somos gente.

**Monique:** Você já foi preso?

**Renatinho:** Preso, preso, não, mas fui levado uma vez só na Operação Caronte, a Operação que levavam a gente de punhado e confiscavam os cachimbos...

**Monique:** Me fala uma coisa, que sonhos você tem hoje? O que você mais queria na sua vida?

**Renatinho:** Minha mãe. Tô brincando... Eu prefiro não planejar nada, eu vivo o hoje e acabou.

**Monique:** E o passado, como é pra você?

**Renatinho:** O passado pega. Muita coisa já vivida, então é difícil. Mas não me arrependo de nada, só do que eu não fiz, de verdade.

**Monique:** O que você faz melhor na vida?

**Renatinho:** É, eu gosto de dançar.

**Monique:** Vou fazer uma última pergunta. Qual é a maior potência da sua vida? Independente de crack, de cachaça, o que vem de dentro de você que é a sua maior luz?

**Renatinho:** É ser altruísta. Eu consigo cuidar do outro mesmo precisando de cuidado. Eu gosto de cuidar das pessoas, de ajudar.

<sup>xi</sup> Blocolândia é o Bloco de Carnaval da Cracolândia que desfila pelas ruas em torno do fluxo, desde 2016, com a participação das pessoas que vivem a Craco como protagonistas do bloco.

<sup>xii</sup> Exceto o Cine Fluxo, projeto que exhibe filmes nas ruas da Cracolândia Paulista, os outros projetos mencionados publicaram relatos de experiência nesta edição do BIS.